

MULHERES, AGRICULTORAS E FEIRANTES: O MEIO RURAL EM INTERAÇÃO COM O URBANO¹

Luana Isabel Klatt

*Mestranda do curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais da
Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, bolsista CAPES,
luanaklatt09@gmail.com.*

Maria Catarina Chitolina Zanini

*Professora Orientadora: Doutora em Antropologia Social, Departamento
de Ciências Sociais – UFSM, zanini.ufsm@gmail.com.*

Resumo

Buscando conhecer o cotidiano do que é ser mulher em um contexto rural, observa-se que no território nacional, há uma pluralidade de formas e percepções destes sujeitos de si e sobre suas representações no ambiente em que atuam. Compreende-se que esta proposta visa abordar as agricultoras feirantes que residem no interior de Santa Maria, município da região central do Rio Grande do Sul, Brasil. Estas interlocutoras são apresentadas enquanto mulheres cis, brancas, descendentes de imigrantes italianos/as, católicas e com baixa escolarização. A pesquisa e aprofundamentos ocorreram por meio da etnografia de rua, tendo como técnica a observação participante entre os anos de 2016 e 2019, quando se realizaram acompanhamentos semanais, nas quartas-feiras e sábados, pela parte da manhã. A feira de alimentos e artesanatos no contexto urbano, proporcionou uma proximidade da sua rotina, das preocupações e investimentos semanais das mulheres, bem como suas formas de aprender e comercializar suas produções e também vivenciar o urbano. A

1 Este trabalho é fruto do projeto de pesquisa Na Feira: produção, distribuição e consumo entre agricultoras feirantes na região central do Rio Grande do Sul, financiado pela CNPq nos anos de 2014 – 2019.

sociabilidade e a interação com o público de diferentes classes, gêneros, idades e escolaridade, também levaram estas mulheres a uma transformação do ser e do interagir individual que refletem no coletivo. Assim, destaca-se a habilidade de aprender as lógicas de mercado e a se refazer não apenas para vender seus produtos, mas em como ser, viver e compreender o mundo.

Palavras-chave: Mulheres, Agricultoras, Feira, Comercialização, Sociabilidade.

Introdução

A compreensão que as pessoas têm de si no meio rural brasileiro, assim como no meio urbano, é ampla e contraditória, o que, por diversos motivos, torna complexa e restrita nossa percepção desses contextos pelos limites metodológicos e científicos postos. Por outro lado, as categorias institucionalizadas que garantem direitos frente a formas de acesso a políticas públicas, por vezes ignoram as particularidades dos grupos. Mesmo assim, observa-se no rural brasileiro uma constante reivindicação por pertencimentos específicos e também por possibilidades de sobrevivência e reprodução da condição camponesa.

Esse trabalho propõe-se a descrever uma análise realizada com cerca de 12 mulheres, agricultoras feirantes e sobre como tiveram de se adequar ao trabalho e interação no meio urbano, na Feirinha de Camobi, localizada no bairro Camobi, na cidade de Santa Maria, região central do Rio Grande do Sul. E nesse contexto emerge a questão central do estudo, qual seja: de que modo as agricultoras e feirantes da Feirinha de Camobi, (re) constroem sua forma de ser e seu cotidiano ao participarem de uma feira urbana? Nesse espaço, foram levadas a estabelecer novas relações sociais, assim como ressignificações e a desenvolver agências² (ORTNER, 2007) para realizar a comercialização de seus cultivos, produções ou aquelas que também eram adquiridos de parentes ou das vizinhanças rurais.

Elas, juntamente com suas famílias, vivem nas comunidades interioranas em Santa Maria, nas proximidades do Bairro Camobi, espaço no qual ocorre a chamada Feirinha de Camobi. São e se identificam por meio de sua ascendência e descendência de imigrantes italianos/as, sendo católicas, com baixa escolarização e se reconhecem enquanto

2 Observando como Ortner (2007) entende agência, temos: “Em particular, eu vejo a subjetividade como a base da agency, uma parte necessária do entendimento de como as pessoas (tentam) agir no mundo mesmo se agem sobre elas. Agency não é uma vontade natural ou originária; ela é moldada enquanto desejos e intenções específicas dentro de uma matriz de subjetividade – de sentimentos, pensamentos e significados (culturalmente constituídos)” (ORTNER, 2007, p.380).

colonas (SEYFERTH,1993)³ no seu cotidiano e enquanto agricultoras quando necessária frente as ou reconhecimento institucionais.

Durante décadas a existência e cotidiano destas mulheres se encontrava atrelado à reprodução familiar, baseado nas rotinas de cuidados com a família, trabalho na terra, hierarquia e a religiosidade católica, marca forte da colonização italiana local (ZANINI, 2006). Enquanto o esposo ou chefe de família se tornava responsável pela resolução de conflitos no âmbito público, eram as mulheres que cuidavam, organizavam e produziam no privado, assim como no trabalho fora do lar, na lavoura. E por meio desta experiência, a feira se tornou um caminho de possibilidades para experimentarem novas interações sociais e novos desafios enquanto trabalhadoras e mulheres.

A necessidade de garantir a continuidade da vida no campo e gerar renda, fez com que elas produzissem alimentos, seja na horta, nas lavouras ou em suas casas para terem produtos para se deslocar até o meio urbano e comercializar. A feira, quando surgiu, no final da década de 90, ocorria uma vez durante a semana, aos sábados, mudando de locais até se estabelecer na avenida que dá acesso a UFSM (Universidade Federal de Santa Maria), situado num bairro com grande número de servidores públicos e de estudantes.

Posteriormente, também passou a ocorrer nas quartas-feiras, ambas na parte da manhã até a primeira hora da tarde no mesmo local de aceso a UFSM, criando uma clientela assídua e crescente que tem, em sua maior parte, também a ascendência italiana ou alemã como identificadores, ou seja, indivíduos que são originários das “colônias” ou descendentes desses. Já estudantes da universidade, do ensino médio, servidores públicos e vizinhanças caracterizam um público temporário que se renova a cada temporada de ingresso nas instituições. Esses indivíduos procuram e encontram na feira elementos de uma sociabilidade étnica concetados com suas origens (ZANINI E FROELICH, 2015, ZANINI, 2018a, 2018b).

3 Seyferth (1993) compreende que a identidade de colono [a] se construiu com os imigrantes de italianos e alemães que vieram ao Brasil no processo de colonização e que buscavam se diferenciar dos chamados caboclos, ou outros grupos que ali habitavam: “A política imigratória e a de colonização confundem-se na legislação e, durante boa parte do século XIX, o termo colono serviu para designar oficialmente o imigrante, sendo depois apropriado como categoria de identidade etnizada de acordo com a procedência nacional”(SEYFERTH, 2011, p.405).

E é por mais de 20 anos que a feira é realizada, fazendo com que o ambiente rural e urbano se cruzem e dialoguem em suas possibilidades interativas. Mas, é necessário destacar que apesar dessa percepção social ter e continuar se transformando, a falta de investimentos no meio agrícola, relacionadas a agricultura familiar ou produções menores, ainda é baixa. Em uma coletânea de ensaios que falam sobre as consequências do golpe no Brasil, sofrido com o *impeachment* da presidente Dilma Vana Rousseff, Picolotto e Piccin (2020) destacaram consideráveis quedas orçamentárias no investimento do setor agrário, por ideais políticos, posterior ao ano de 2016, afetando principalmente setores como o da agricultura familiar. Esse cenário ressalta que espaços como a feira podem ser alternativas muito importantes para a melhora da qualidade de vida e valorização do trabalho dessas mulheres por nós pesquisadas.

Metodologia e Resultados

Figura 01: Feirinha de Camobi modificando a ambiência e paisagem local. Outubro de 2018.



Fonte: acervo pessoal das autoras.

O acompanhamento com as feirantes e demais pessoas que circulavam no meio, realizou-se durante os anos de 2016 a 2019 por meio de uma etnografia de rua (ECKERT e ROCHA, 2003), mediante observação participante. Também foram realizados registros fotográficos da

ambiência, sua organização e oferta de variedades comercializadas⁴. Observou-se, durante as caminhadas pelo espaço e pelas interações decorrentes, a transformação que as estruturas e pessoas provocavam na Avenida Roraima, local da feira. O colorido das pessoas, barracas, alimentos e integrações culturais, realçavam a rua e calçada acinzentadas nesse meio.

Para as autoras Eckert e Rocha (2003):

Uma etnografia de rua propõe ao antropólogo[a], portanto, o desafio de experienciar a ambiência das cidades como a de uma «morada de ruas» cujos caminhos, ruídos, cheiros e cores a percorrer sugerem, sem cessar, direções e sentidos desenhados pelo próprio movimento dos pedestres e dos carros que nos conduzem a certos lugares, cenários, paisagens, em detrimento de outros” (ECKERT e ROCHA, 2003, p. 4, 5).

Na feira somos convidadas/os a observar, sentir e apreciar, cada qual a seu modo, as possibilidades destas transformações cotidianas provocadas por esse evento.

Figura 02: Oferta de legumes, chás e panificados. Março de 2018.



Fonte: acervo pessoal das autoras.

4 O registro de imagens, minha interação e interferência no local, como também da orientadora e o devido campo empírico da pesquisa, foram negociadas a cada ida e aproximação das pessoas, conforme Código de Ética do Antropólogo e da Antropóloga, criado na Gestão 1986/1988 e alterado na gestão 2011/2012, disponível em <http://www.portal.abant.org.br/codigo-de-etica/>.

A pesquisadora, professora e orientadora Maria Catarina Chitolina Zanini ao longo dos anos e dos projetos⁵ ali realizados, já havia estabelecido uma relação de amistosa e ética, principalmente de respeito com as interlocutoras e demais consumidores que frequentavam o ambiente. E essa troca mútua foi fundamental para que houvesse a possibilidade de conhecer este mundo repleto de simbologias e significados, tão peculiar, desafiador, mesmo atrelado as dinâmicas de mercado tão universais.

Figura 03: casquinhas de ovos pintados, bolachas e demais especiarias customizadas para a celebração do período de Páscoa.



Fonte: acervo pessoal das autoras.

Estas mulheres, desde o início até hoje, aprimoram e desenvolvem habilidades (INGOLD, 2010) de venda por meio dessa interação

5 Entre os anos de 2011 até 2018 realizaram-se dois projetos de pesquisa, os quais tinham como foco, acompanhar o trabalho e cotidiano de mulheres agricultoras e feirantes de Santa Maria e região. Elas semanalmente vinham até o centro e espaço urbano da cidade para comercializar suas produções. Por meio desses estudos, realizou-se a publicação dos seguintes E-books: Mercados, campesinato e cidades, Abordagens possíveis (2015), organizado por Maria Catarina Chitolina Zanini; Somos todas mulheres iguais! Estudos antropológicos sobre feira, gênero e campesinato (2015) organizado por Daniele Palma Cielo, Fabiane Dalla Nora, Jamile dos Santos P. Costa, Juliana Franchi da Silva, Patrícia Rejane Froelich, Silvana Silva de Oliveira, Maria Rita Py Dutra, Maria Catarina Chitolina Zanini e Feiras, feirinhas e feirões. A “economia dos centavos” em foco (2017) organizado por Maria Catarina Chitolina Zanini e Miriam de Oliveira Santos.

realizada em contexto e espaço urbano. Seja pelas necessidades de atender, de ofertar ou mesmo em virtude da dinâmica que o espaço de trocas lhes exige. Antes de fazer a feira (preparar os alimentos e o que se leva para comercializar), a vida da maioria delas permeava a produção e manutenção familiar por meio da atividade agrícola. Ter a oportunidade de sair do mundo camponês e interagir com o urbano, desenvolver seu próprio negócio, exigiu flexibilidade, análises e adequações particulares, além de lhes proporcionar mais visibilidade.

Para as mulheres colonas, deslocar-se temporariamente de sua casa para fazer feira na cidade, destaca a determinação e necessidade de se desafiar, ir contra e além de uma estrutura e organização patriarcal, com papéis de gênero que a cultura ali em torno lhes atribuiu, especialmente aquelas advindas de famílias de origem italiana. Ter seu trabalho e dedicação reconhecidos em um espaço com mais fluxo de pessoas e culturas, fez com que elas também aprendessem a ressignificar suas trajetórias e lugar na sociedade, na família.

E mesmo depois de anos, tendo sua clientela fixa, nem toda a feira acaba sendo produtiva, como observamos na presente anotação:

Antes de ir embora, como de praxe, uma feirante veio de encontro a barraca da outra e lhe trouxe pães. Quando se aproximou disse que o seu filho comentou:
- Hoje não dá nem pro mercado. Eu disse, paciência!
Ao menos não tamo doente (diário de campo, agosto de 2017).

Semanalmente o filho traz sua mãe até a feira com o carro e a auxilia a vender as bolachas, mel, pães, cucas, frutas, sementes e demais especiarias produzidas por ela e sua cunhada. Era corriqueiro que a feirante manifestasse algum agradecimento a Deus e/ou a Nossa Senhora, ponderando sua devoção e de que era importante acreditar e seguir agradecendo, que o melhor da vida lhes seria concedido. Traço do catolicismo ainda muito forte nos descendentes de imigrantes italianos na região, numa vinculação forte entre trabalho e virtudes (ZANINI e SANTOS, 2009).

Para além deste ofício, que passa por diferentes percursos e situações, a feira também tida como um espaço de comunicação, e de sociabilidade (SIMMEL, 2006), como relatado pelas próprias feirantes. A interação entre elas, a interpelação com consumidoras e consumidores, sejam jovens, adultos, crianças e idosos acaba se tornando

um espaço lúdico de socialização e também de aprendizados e trocas. Esse processo de trocas com quem consome ocorre de forma tímida e silenciosa, diferente do que mostra Vedana (2004) ao analisar a feira urbana em Porto Alegre, na qual quem faz feira convida as pessoas para se aproximarem, observarem seus produtos fazendo jocosidades e brincadeiras:

Um senhor observa os pães expostos na mesa na banca observada e pergunta:

- Quanto é que tá o pão?
- 5, responde a feirante.
- É batido?
- Não, é caseiro normal.
- Vo levá. Tenho problema com a tia, tia bėti (emitiendo um leve sorriso jocosos), ma vou levá. E com um riso no canto da boca, a feirante lhe entrega o pão em uma sacola (diário de campo, 02 de março de 2019).

Noutra situação, um consumidor de uma semana para outra provou e aprovou a morcilha⁶ vendida na barraca de outra feirante, como registrado:

Duas pessoas se aproximam da banca em que estava, no que uma indaga:

- semana passada eu comprei da senhora (feirante) morcilha boa. Tem da branca? Como não havia mais da branca, a agricultora ofereceu e conseguiu vender duas morcilhas de sangue. Ela ainda acrescentou, alertando o consumidor:
- Morcilha a partir das 7 hora, destacando a alta procura do alimento. Tu qué que eu guarde uma de cada? Referindo-se a semana seguinte. A acompanhante do senhor ouve e ressalta que semana que vem ele vem mais cedo para garantir o alimento (diário de campo 02 de março de 2019).

6 Morcilha é um embutido preparado com miudezas de carne suína, as quais são moídas, salgadas e acrescidas de temperos, cheiro verde. Esta caracteriza a morcilha branca, e a morcilha de sangue tem como diferencial a presença do sangue do animal na sua composição.

E em meio a esse contexto social, ao refletir sobre os diferentes ambientes urbanos, as rotas e encontros realizados pelas pessoas nos espaços, Magnani (1993) nos ajuda a refletir sobre a necessidade de observarmos para além do particular, incluindo o contexto geral onde essas mulheres e histórias se encontram. Como o autor propõe “é preciso levar em consideração a malha de relações que mantém com a sociedade envolvente: a dinâmica de um espaço não se esgota no seu perímetro” (MAGNANI, 1993, p. 6), a cultura das trabalhadoras feirantes vai além do que percebemos ou desta ambiência específica.

Por estas breves e localizadas observações, a feira teve para essas mulheres, diferentes resultados, sendo eles mais particulares, como também mais amplos, como o contato com grupos e pessoas de diferentes lugares do mundo e/ou até do Brasil. A vida delas, assim como das pessoas que residem nas redondezas por algum tempo ou quem por anos, transborda gêneros, sexualidades, culturas, risos, trocas e aprendizagens.

Considerações finais

Em suma, as mulheres agricultoras ou colonas do meio rural, ao interagirem direta e semanalmente em espaço urbano, foram levadas a se refazerem enquanto sujeitos, questionando sua autonomia, e responsabilidades colocadas em meio a diferentes situações, realidades e consumidores/as. Cabe salientar que a agência e as aprendizagens, mesmo em contexto similar, são particulares, assim como suas políticas e operações econômicas que atuam sobre esses corpos e vida. Da mesma forma, se observa os espaços e lugar social que enquanto mulheres colonas, católicas, descendentes e ascendentes de italianos/as, elas aprenderam a se identificar. Mas, apesar das mudanças, aproximações sociais e culturais que a comercialização trouxe as feirantes, é arriscado acreditar que somente a entrada de mais renda esteja beneficiando a vida destas pessoas.

Em meio a esse contexto de complexidades, não somente quando nos referimos ou pensamos no e com o meio rural, mas nas negligências ou falta de cuidado, principalmente dos poderes públicos. Vivemos em meio a uma pandemia provocada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) responsável pela doença da Covid19, desde 2020, assolando o país, mas principalmente quem não pode se proteger devidamente e vive em situações precárias. As pessoas, a sua maneira,

fazem o possível para se cuidarem e sobreviverem, mas precisamos nos conscientizar e preocuparmo-nos uns com os outros para dar passos adiante nessa dolorosa situação. Sair e se arriscar para fazer feira poderia e é um ato de resistência em meio a um sistema que se beneficia da exploração do trabalho, principalmente de mulheres, ainda mais se forem negras ou indígenas.

A feira foi uma das alternativas ou complementos que não apenas estas, mas uma considerável parcela de colonos e colonas de Santa Maria e região conseguiram como para obter renda, no final da década de 90 e durante os anos 2000. No entanto, está longe de ser a solução para as demais necessidades que o meio rural tem para garantir uma qualidade de vida e sustentabilidade para a família e comunidades locais. Quais as possibilidades e medidas que nos competem enquanto estudiosos/as/es do campo científico e também enquanto agentes sociais para garantir um equilíbrio social? E enquanto sociedade, que país seguiremos construindo?

Agradecimentos

Agradecemos, em especial, às mulheres feirantes que permitiram que nós acompanhássemos seu cotidiano na feira, colaboraram com seu tempo, paciência e espaço. Esta acolhida foi fundamental para que esta e demais pesquisas fossem possíveis durante os anos de projeto.

À CNPq pelo financiamento e consequente incentivo à pesquisa.

À X CINABEH – edição online, X Congresso Internacional de Diversidade Sexual, Étnico-Racial e de Gênero, que tinha como tema, Políticas da vida: coproduções de saberes e resistências e toda sua comissão. Este evento nos trouxe temas e debates tão urgentes e caros a (nós)sa sociedade brasileira, assim como as nossas vivências. Agradecemos a todes, que de alguma forma, construíram este momento e conteúdo.

Referências

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Carvalho da Rocha. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. **Revista Iluminuras**.v. 4, n. 7. p. 1-22. 2003. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9160/5258>> Acesso em: 19 ago. 2020.

INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.

MAGNANI, José Guilherme. Rua, símbolo e suporte da experiência urbana. **Cadernos de História de São Paulo**. Museu Paulista- USP. 2, jan/dez 1993. Versão revista e atualizada.

Disponível em: <http://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/rua_simbolo%20e%20supo_rte%20da%20experien%20-%20magnani.pdf> Acesso em: 08 mai. 2021.

ORTNER, Shery. B. Subjetividade e crítica cultural. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 13, n.28, p. 375-405, jul./dez. 2007.

PICOLOTTO, Éverton Lazzaretti; PICCIN, Marcos Botton. Consequências do golpe para a agricultura Familiar e para a reforma agrária. In: PEREIRA, Ascísio dos Reis; BUDÓ, Marília De Nardin; DEBONA, Vilmar (Orgs). **Ensaio de resistência. Retrocessos, denúncias e apostas sobre o Brasil Golpeado**. Dialética. Belo Horizonte. 2020.

SEYFERTH, G. Identidade camponesa e identidade étnica (um estudo de caso). **Anuário Antropológico**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 31-63, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6465>. Acesso em: 16 maio. 2021.

SEYFERTH, Giralda. Campesinato e o Estado no Brasil. **MANA** [online] vol. 17 n. 2. p. 395-417, 2011.

SIMMEL, Georg. A sociabilidade. (Exemplo de sociologia pura ou formal) In: **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed 2006.

VEDANA, Viviane. **“Fazer a Feira”** estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, 2004.

ZANINI, Maria Catarina. **Italianidade no Brasil meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2006.

ZANINI, Maria Catarina; SANTOS, Miriam de Oliveira. O trabalho como “categoria étnica”: um estudo comparativo da ascensão social de imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1975). **REMHU**, Brasília, Ano XVII, n. 33, p.175-196, 2009.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina; FROELICH, Patricia. Etnicidade na feira: a comida como interlocução. In: MENASCHE, Renata. (Org.). **Saberes e Sabores da Colônia**. Porto Alegre: EDUFRGS, 1 v. p.103-114. 2015.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Oh, Gringa! Tem raditi hoje? Etnicidade, memória e trabalho na feira. IN: COSTA, Cassiane da e MARIN, Joel Orlando Bevilacqua (Orgs). **Gênero e campesinato no sul do Brasil**: Curitiba: CVR, 2018a. p.99-122, 2018.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Narrativas de uma etnografia na feira: é só sentar e escrever? IN: DE DAVID, Cesar e VARGAS, Daiane Loreto de (Orgs). **Saberes tradicionais e artesanato: expressões culturais do campo brasileiro**. São Leopoldo: Oikos, p. 229-248. 2018b.